



DIÁRIO DO HOSPÍCIO DE LIMA BARRETO: CRONOTOPO E ROMANCE

LIMA BARRETO'S DIÁRIO DO HOSPÍCIO: CHRONOTOPE AND ROMANCE

Michele Muliterno de Melo¹ (UPF)

RESUMO

O *Diário do hospício* foi escrito por Afonso Henriques de Lima Barreto entre os meses de dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, tempo em que esteve internado no Hospício Nacional de Alienados, em Praia Grande, no Rio de Janeiro, devido a problemas com alcoolismo. O registro íntimo, a princípio, servia como um diário, onde o autor escrevia suas impressões sobre o local e as pessoas que o circulavam, mas, aos poucos, começou a servir como base para *Cemitério dos vivos*, romance inacabado que o autor viria a escrever após seu período de internação, tendo como inspiração suas desventuras em manicômios. A medida em que o diário deixa de ser diário e passa a se tornar o texto que serviria como base para o livro que estava por vir, suas características começam a mudar. Mais do que o fato de ter originado *Cemitério dos vivos*, é possível encontrar características do romance no próprio *Diário do hospício*, ao investigar os elementos que possam comprovar que a obra pertence a tal gênero, tais como a relação entre autor *versus* personagens e as noções de cronotopo abordadas pelo teórico russo Mikhail Bakhtin. O exame desses elementos comprova a romancização do diário, mediante à modificação do texto, que vai, aos poucos, perdendo características de diário e adquirindo as características do gênero romance.

Palavras-chave: Lima Barreto. Cronotopo. Romance.

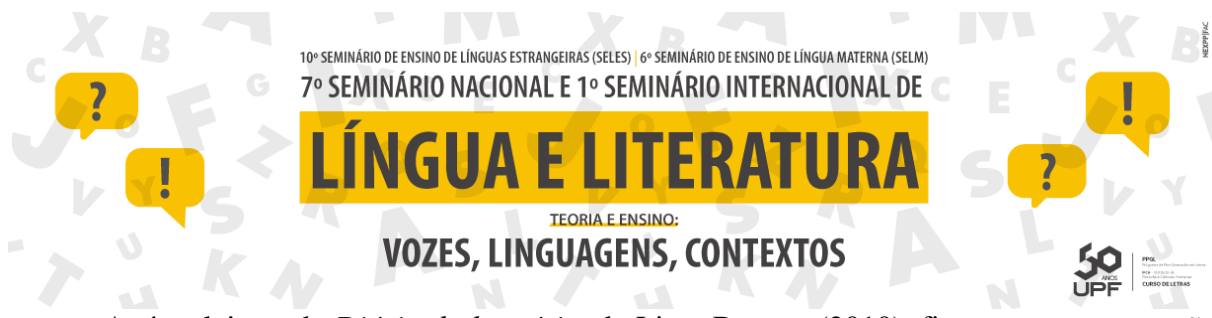
ABSTRACT

Diário do hospício was written by Afonso Henriques de Lima Barreto between the months of December 1919 and February 1920, when he was hospitalized at the Hospício Nacional de Alienados, in Praia Grande, Rio de Janeiro, due to problems with alcoholism. The intimate record at first served as a personal journal, where the author wrote his impressions of the place and the people who circulated him, but gradually began to serve as the basis for *Cemitério dos vivos*, an unfinished novel that the author would come to write after his period of hospitalization, inspired by his misadventures in asylums. As the journal ceases to be a journal and becomes the text that would serve as the basis for the book to come, its characteristics begin to change. More than the fact that it originated *Cemitério dos vivos*, it is possible to find elements of the romance in *Diário do hospício*, by investigating elements that can prove that the work belongs to this genre, such as the relationship between author versus characters and notions of chronotope approached by the Russian theorist Mikhail Bakhtin. The examination of these elements proves the romancization of the journal, by changes in the text, which gradually loses journal characteristics and acquires the characteristics of the romance genre.

Keywords: Lima Barreto. Chronotope. Romance.

1 INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Letras (UPF) michelemuliterno@yahoo.com.br



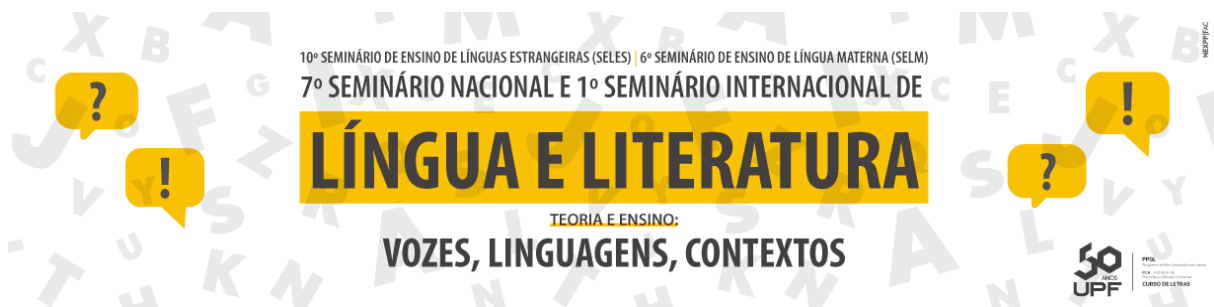
Após a leitura de *Diário do hospício*, de Lima Barreto (2010), fica-se com a sensação de que a obra se trata, na verdade, de um romance, e não de um simples diário, como a maioria das resenhas a define. O “diário” em questão foi escrito entre os meses de dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, durante o período em que o autor encontrava-se encarcerado no hospício da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, e, baseado nele, Lima Barreto escreveu o romance inacabado *Cemitério dos vivos* (2010).

Talvez a intenção, a princípio, tenha sido mesmo de fazer um diário, visto que Lima Barreto sempre manteve o hábito de escrever diários, fato conhecido, pois esses registros foram publicados em 1953 como *Diário íntimo*. Ao que tudo indica, a ideia de criar um romance baseado em suas experiências pessoais, enquanto paciente do Hospício Nacional de Alienados, levou o autor a romancear o próprio relato tendo, assim, material para o *Cemitério dos vivos*, que sairia mais tarde. Dessa forma, o próprio *Diário do hospício* possui características de um romance.

Na tentativa de comprovar esse ponto de vista, busca-se embasamento teórico nas ideias do filósofo russo Mikhail Bahktin (1895-1975) desenvolvidas em *Questões de literatura e estética* (1988) e *Estética da criação verbal* (2003), com destaque para as noções de cronotopo e para a relação entre autor e personagem no romance. Com a análise de *Diário do hospício* e a comparação com *Cemitério dos vivos*, procura-se refletir sobre a relação entre autor e personagem em ambos os textos. A seguir, estabelece-se a análise dos cronotopos que aparecem no *Diário* e, na sequência, da crônica híbrida de relato pessoal e ficcional que aparece na obra, o que torna possível considerar a obra um romance, e não um simples diário.

2 LIMA BARRETO

Quando a Lei Áurea, que declarava abolida a escravatura, foi assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, houve eufórico clima de confraternização social no Brasil. No entanto, com o golpe militar que resultou na proclamação da República no ano seguinte, o sentimento passou a ser de insegurança durante o período de legalização do regime. O Congresso foi fechado, medidas ditatoriais foram postas em prática, as minorias oligárquicas dos Estados e os segmentos militares autoritários começaram a ganhar força. O governo passou a adotar política de intervenção nos Estados, mergulhando o país em um ciclo de rebeliões (PRADO, 1980). Foi neste contexto que cresceu Afonso Henriques de Lima Barreto, nascido em 13 de



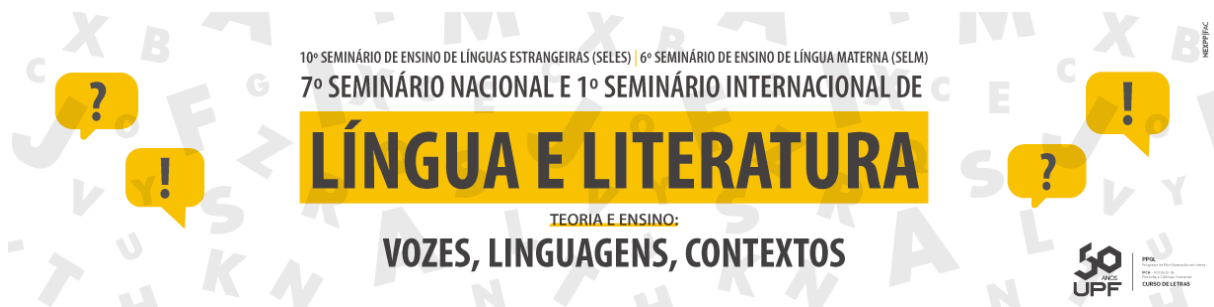
maio de 1881, no Rio de Janeiro, filho de um tipógrafo e de uma professora primária, descendentes de escravos. Sua mãe morreu quando contava com apenas seis anos de idade. Seu pai perdeu o emprego de tipógrafo com a proclamação da República, por ser protegido do monarquista Visconde de Ouro Preto, que, como padrinho de Lima Barreto, patrocinou seus estudos na Escola Politécnica. O pai do escritor sofria de problemas mentais e foi recolhido à Colônia de Alienados da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, e Lima Barreto largou os estudos para sustentar a família.

Lima Barreto passou a ter seu sustento como amanuense na Secretaria da Guerra e colaborando com a imprensa local. Encontrou dificuldades em publicar sua obra e nunca obteve grande reconhecimento em vida. Como ele próprio era vítima de injustiças e preconceitos, abordou em sua obra as grandes injustiças sociais e criticava o regime político da República Velha. Sofria constantes crises de depressão e acabou entregando-se ao alcoolismo, o que o levou a ser internado duas vezes no Hospício Nacional de Alienados, em 1914 e 1919. Candidatou-se duas vezes à Academia Brasileira de Letras (ABL), não obtendo a vaga pelo fato de a ABL não aprovar sua forma, considerada popular, de escrever. Faleceu aos 41 anos, em 1º de novembro de 1922.

3 DIÁRIO DO HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS VIVOS

Durante o período em que passou internado pela segunda vez no Hospício Nacional de Alienados, em Praia Vermelha, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, Lima Barreto escreveu o chamado *Diário do hospício*, composto, no início, em uma série de 79 tiras de papel, escritas a lápis e, mais tarde, em folhas maiores, escritas a caneta, nas quais registrava suas impressões durante seu período de confinamento. Hoje, esse manuscrito encontra-se na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Coleção Lima Barreto. Foi desse registro que surgiu *O cemitério dos vivos*, romance inacabado, que relata a história de Vicente Mascarenhas, escritor fracassado que fica viúvo e acaba internado em um hospício, inspirado na casa de saúde em que o autor fora internado devido ao mesmo problema: o alcoolismo.

O *Diário* é um texto razoavelmente curto, composto por nove capítulos numerados, em que o autor descreve a rotina do hospital, sua organização, escreve sobre os médicos, enfermeiros, doentes, pavilhões e sobre a biblioteca, além de fazer reflexões de cunho pessoal



sobre a vida, sua carreira, sobre a loucura. Existe também um décimo capítulo, não numerado por Lima Barreto, cuja estrutura é diferente dos demais, pois é formado por entradas curtas, como anotações, também tratando de diversos assuntos. Aos poucos, o diário vai mudando de forma, romancizando-se, tornando-se o romance inacabado que Lima Barreto criou enquanto estava internado, *Cemitério dos vivos*, sobre o qual Alfredo Bosi diz:

[...] coligida postumamente, apresenta-se dividida em duas partes: a primeira contém o diário do escritor relativo à sua estada no casarão da Praia Vermelha (do Natal de 1919 a 2 de fevereiro de 1920); a segunda, que é propriamente o romance, constitui-se do esboço de uma tragédia doméstica cujos fragmentos alternam com as memórias da vida no hospício. Nessas páginas, que elaboram maduramente o conteúdo das primitivas notas, o escritor tentou configurar um pensamento discursivo cujo foco é o próprio mistério da vida humana lançada às mais degradantes condições da miséria, da humilhação e da loucura (2006, p. 322).

O texto do *Diário* apresenta-se em forma de registro íntimo somente nos dois primeiros capítulos e em algumas anotações do décimo capítulo, no qual podem ser encontradas as datas em que o autor as escreveu, o que por si só já contradiz a noção de Blanchot (2005) sobre um diário íntimo, quando afirma que esse tipo de registro deve seguir uma única cláusula: o respeito ao calendário. As páginas seguintes ali apresentadas constituem-se em uma narrativa de fatos do cotidiano e das observações do autor, tal qual a crônica se caracterizaria, o que leva Rocha (2008) a afirmar que o *Diário* teria um caráter híbrido, entre a crônica e a elaboração ficcional autobiográfica. Mais do que isso, o *Diário* confunde realidade e ficção, como observa Bosi:

O leitor se surpreenderá ao constatar que, no exato momento em que o depoente entra e escava o passado e aprofundar sua 'angústia de viver', o texto confessional cede a um lance de ficção. O testemunho que, até então, parecia pura transcrição dos apontamentos de um internado, converte-se em matéria romanesca de uma novela inacabada cujo título será igualmente *O cemitério dos vivos* (2010, p. 20).

As semelhanças entre o relato pessoal encontrado no diário e o romance publicado posteriormente são enormes. Tem-se a impressão que Lima Barreto começou a transformar o diário em romance, já visando ao livro que seria escrito mais tarde. Há momentos em que o autor chega a confundir sua pessoa com a da personagem, trocando-lhe o nome. Em outros, descreve fatos da vida da personagem como se ele, o autor, os tivesse vivido.



4 RELAÇÃO AUTOR X PERSONAGEM

Existem três fortes indícios de que o autor, no decorrer de sua narrativa, se confunde com o protagonista de *Cemitério dos vivos*, registrados no próprio *Diário do hospício*. O primeiro é quando o autor refere-se a si mesmo com um dos possíveis nomes pensados para a personagem, Tito Flamínio, conforme se pode observar no trecho a seguir:

Mas na Seção Pinel, aconteceu-me coisa mais manifesta da estupidez do guarda e da sua crença de que era meu feitor e senhor. Era este um rapazola de vinte e tantos anos, brasileiro, de cabeleira solta, com um ar de violeiro e modinheiro. Estava deitado no dormitório que me tinham marcado e ele chegou à porta e perguntou:
— Quem é aí *Tito Flamínio*?
— Sou eu, apressei-me (BARRETO, 2010, p. 81).

É possível encontrar a mesma cena em *Cemitério dos vivos*, na qual o narrador nomeia a personagem, desta vez, como Vicente Mascarenhas:

Outro guarda com quem impliquei, foi na Seção Pinel. O chefe dos enfermeiros tinha determinado que eu passasse do dormitório geral em que estava, para um quarto separado, como já contei. Estava eu sentado à borda da cama, quando apareceu na porta um guarda e gritou:
— Quem é Vicente Mascarenhas, aí?
— Sou eu, respondi (BARRETO, 2010, p. 235).

Outra passagem que também evidencia essa fusão entre realidade e ficção é quando Lima Barreto menciona no *Diário* sentir falta de sua falecida esposa. Entretanto, o escritor nunca se casara, sequer algum relacionamento amoroso foi apontado em toda sua biografia:

Não amei nunca, nem mesmo minha mulher que é morta e pela qual não tenho amor, mas remorso de não tê-la compreendido, mais devido à oclusão muda do meu orgulho intelectual; e tê-la-ia amado certamente, se tão estúpido sentimento não tivesse feito passar por mim a única alma e pessoa que me podiam inspirar tão grave pensamento.
Li-a e não a compreendi...
Ah! meu Deus! (BARRETO, 2010, p. 84).

O protagonista de *Cemitério dos vivos*, no âmbito ficcional, realmente vive à sombra da esposa falecida, a quem não dera o devido valor em vida e, postumamente, sente remorso por isso e sente sua falta:



Não tinha por minha mulher grandes extremos de sentimento; dominava em mim, porém, a imagem das minhas responsabilidades de marido, e as cumpri como um dever sagrado. Estimava-a, prezava-a, mais como um companheiro, como um amigo, do que mesmo objeto de uma profunda solicitação da minha total natureza. Reprimia mesmo o mínimo movimento nesse sentido, porque sempre tive vexame, pudor de amar (BARRETO, 2010, p. 190).

O terceiro registro no *Diário* menciona uma mãe que delira, um filho que futuramente virá a delirar e a falta que sente de sua mulher falecida. Como já mencionado, nunca houve esposa, tampouco filho. E o autor tinha seis anos de idade quando perdeu a mãe:

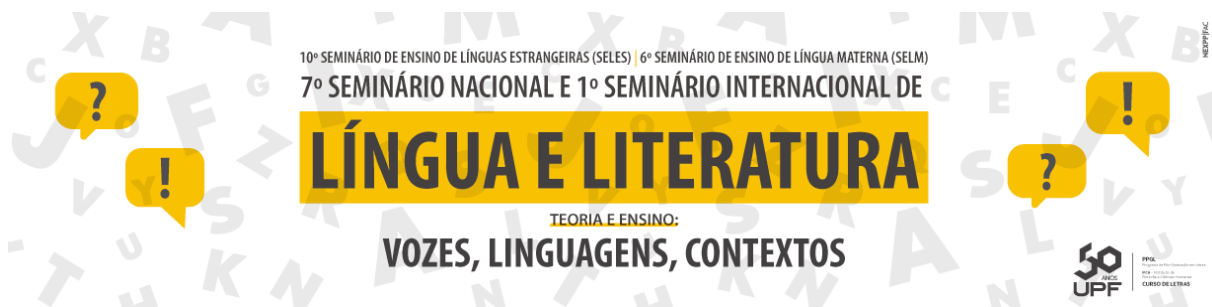
Aborrece-me este Hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade. Não tenho meus livros à mão; entretanto, minha casa, o delírio de minha mãe... Oh! Meu Deus! Tanto faz, lá ou aqui... Sairei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa. Meu filho ainda não delira; mas a toda hora espero que tenha o primeiro ataque...

Minha mulher faz-me falta, e nestas horas eu tenho remorsos como se a tivesse feito morrer. Logo, porém, como vem de mim mesmo ou de fora de mim uma voz que me diz: é mentira (BARRETO, 2010, p. 94).

Já protagonista de *Cemitério dos vivos* tem uma sogra que sofre de delírios, um filho com problemas de aprendizagem e uma esposa falecida, como comprova o fragmento a seguir:

Voltava-me para trás da minha vida e lá via minha sogra louca, às vezes, delirando; às vezes, calada, a olhar tudo com um olhar intraduzível e sobretudo meu filho, seu neto, que passava dos dez anos e não sabia absolutamente nada. Não havia ameaça, não havia afago, não havia promessa que o fizesse dar um pouco de atenção à cartilha. Eu não sabia o que fazer. [...] No Hospício, porém, estas duas lembranças dolorosas não me abatiam tanto quanto em casa ou solto em qualquer parte (BARRETO, 2010, p. 209).

Observando-se as semelhanças entre os textos das duas obras, é possível afirmar que *Cemitério dos vivos* foi baseado nas experiências pessoais do autor enquanto esteve internado e que o protagonista do romance foi inspirado nessas experiências. No entanto, é preciso ter em mente que mesmo em uma biografia a representação do autor-pessoa será construída de forma artística, revelando o autor-personagem (BAHKTIN, 2003, p. 139). Mesmo existindo semelhança entre fatos da vida do autor e do personagem, *O cemitério dos vivos* é uma obra de ficção, e não uma autobiografia, enquanto que *Diário do hospício* parece já ter sido criado visando à obra de ficção que se seguiria, mesclando assim o que é memória e o que é ficção.



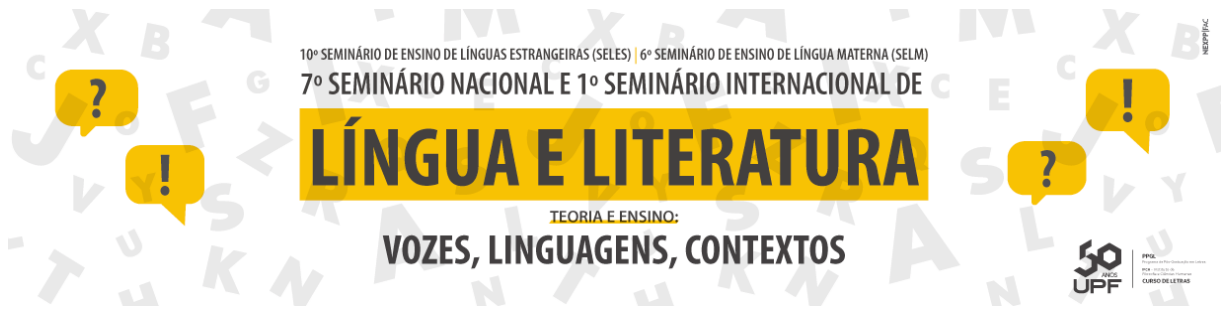
Segundo Bakhtin, existe uma relação “arquiteticamente estável e dinamicamente viva” entre autor e personagem e essa relação baseia-se em “seu fundamento geral e de princípio assim como em peculiaridades individuais” (2003, p. 10). Tendo isso em mente, é possível afirmar que, apesar de a personagem ser inspirada no autor, ela não é o autor, e sim sua representação ficcional. Existem histórias, razões e motivações diferentes, ainda que autor e personagem vivam situações similares, por motivos parecidos, no mesmo ambiente. São perceptíveis os fatos que o autor não viveu, mas que foram vivenciados na obra por meio da personagem, como é o caso da relação com uma esposa e um filho.

Bakhtin (2003) ainda salienta que não é impossível comparar de modo cientificamente produtivo as biografias do autor e da personagem, assim como suas visões de mundo. O que não deve ser feito é a comparação sem nenhum princípio, que confunda o autor-criador, que é elemento da obra, com o autor-pessoa, que é elemento do acontecimento ético e social da vida, pois esse tipo de comparação levaria à incompreensão e/ou à deformação do princípio criador da relação do autor com a personagem. Ao observar o autor-criador de *Diário do hospício*, é possível concluir que se trata de uma representação artística tanto do autor-pessoa, Lima Barreto, como do protagonista de *Cemitério dos vivos*, Tito Flamínio.

5 CRONOTOPO

Existem ainda passagens do *Diário* em que é possível identificar outros elementos do romance, como algumas formas de cronotopo. Por cronotopo entende-se “a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto”, em que o tempo e o espaço se interligam no enredo e na história, fazendo o espaço se revestir de sentido e o tempo transparecer no espaço (BAKHTIN, 1990, p. 211).

No *Diário*, o tempo se entrecruza com o espaço. O próprio hospício pode ser considerado um cronotopo, no qual o autor vive situações no momento presente, relembra o passado e imagina o que possa vir a ser no futuro. O autor-pessoa, que já havia estado internado no hospício anos antes, faz com que o autor-personagem cruze informações sobre fatos com suas impressões do local no momento presente e de anos antes. Isso faz com que o espaço se condense com o tempo, dando a impressão de que passado e presente acontecem simultaneamente, como se constata na cena:



Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria (BARRETO, 2010, p. 43-44).

Em seguida, tem-se a passagem em que o autor-personagem não apenas revive sua primeira experiência no hospício como também retoma, por meio da imaginação, a experiência de Dostoievski, quando o autor russo esteve internado em um manicômio na Sibéria, relatada em *Memórias da casa dos mortos*. Pode-se dizer que existe um encontro de ambas as experiências, aquela vivida pelo autor-pessoa e a outra, literária, não vivenciada por ele, como se pode perceber a seguir:

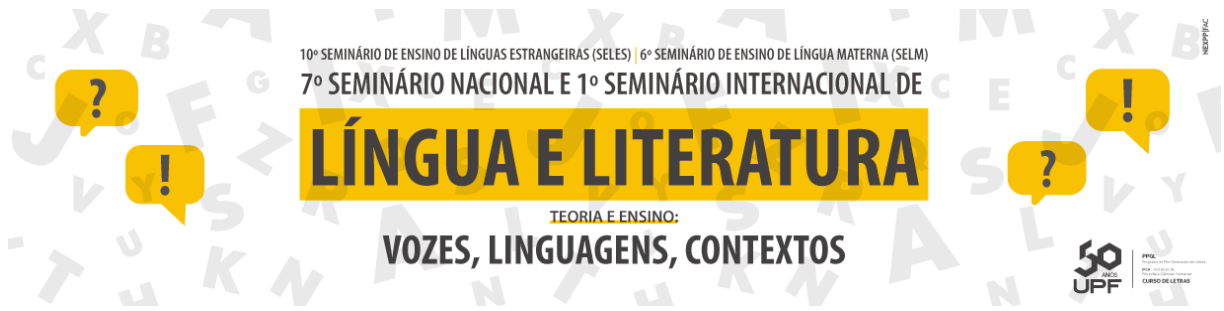
Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, e as portas abertas, eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na Casa dos mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que peço dela (BARRETO, 2010, p. 45-46).

O trecho a seguir também demonstra esse encontro do passado com o presente, quando o autor-personagem muda da seção *Pinel*, a dos indigentes, para a *Cameil*, mais condizente com seu poder aquisitivo, e reconhece as mudanças ocorridas durante o período em que estivera fora:

Logo ao entrar na seção, no meado do dia da segunda-feira, notei que a biblioteca tinha mudado de lugar. Mudei a roupa, pois meu irmão me apareceu com outra de casa. Esperei o Dias, que me marcasse o dormitório, e sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! (BARRETO, 2010, p. 56).

E há ainda, no décimo capítulo, aquele composto por anotações, três registros nos quais o autor-personagem depara-se com uma situação em que encontra o que poderia ser ele mesmo em um outro tempo, no mesmo lugar. O sentido é figurado, visto que não foi o próprio autor-pessoa a desempenhar tal papel, mas outra pessoa. No entanto, existe a constatação e o



medo causado por esse reconhecimento de si mesmo na atitude do outro. O autor-personagem se vê nas atitudes daquele interno alcoolizado, de certa forma, prevendo algo que ele mesmo poderia vir a fazer, cruzando presente e futuro em sua imaginação.

Os registros, exceto pelo primeiro, são uma sequência, formando três entradas diferentes sobre o mesmo assunto. Esse é um dos raros casos em que a data aparece:

Dia 20-1-20

Hoje, o D.E. ..., sobrinho de um funcionário daqui, embriagou-se e, no furor alcoólico, conseguiu subir até o telhado de uma dependência do Hospício e, de lá, prorrompendo nos maiores impropérios, pôs-se nu em pelo, enquanto bebia aguardente. Na hora do café, lá estavam os caibras ou coisa parecida. Alguns tem um ar bom e modesto; mas outros tem a *morgue* de estudantes. Eu já tive (BARRETO, 2010, p. 120). [...]

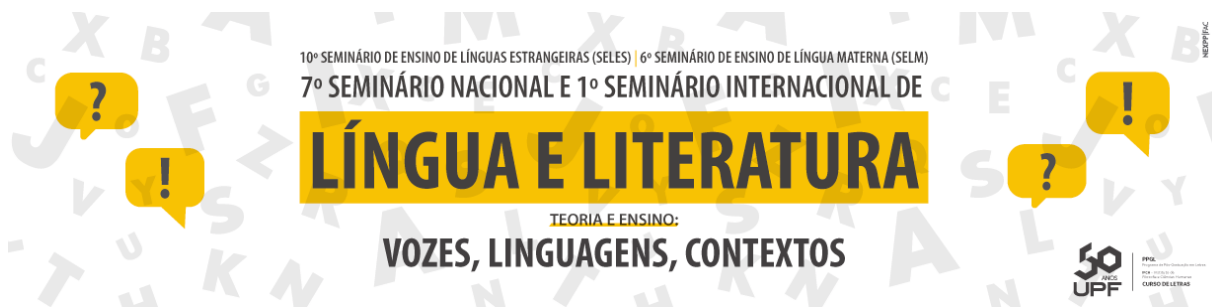
D. Estrada. Veio o corpo de bombeiros, com uma escada, para tirá-lo de cima do telhado. Ele partiu as telhas e pôs-se a atirá-las em cima do povo que assistia o espetáculo do lado da rua. Não parece intimidado. Está seminu e, apesar de saber perfeitamente que está tomado de loucura alcoólica, de pé, na cumeeira do pavilhão, destinado à rouparia, como que vi, naquele desgraçado, a imagem da revolta (BARRETO, 2010, p. 121). [...]

Esse acontecimento causa-me apreensões e terror. A natureza deles. Espelho (BARRETO, 2010, p. 121).

Levando em consideração as semelhanças já mencionadas e outros fatos que serão aqui discutidos, é possível questionar se, antes mesmo de *Cemitério dos vivos* ser escrito, *Diário do hospício* já era um romance. Os indícios mostram que o romance inacabado viria a concretizar-se por intermédio do texto híbrido de crônica com narrativa ficcional/autobiográfica, tratada como diário e que, na verdade, pertence ao gênero romance.

Esse tipo de hibridização pode ser explicado pelo fato de o romance, como gênero, não ser constituído e acabado. Ele ainda está em processo de evolução, por ser um gênero mais recente, que nasceu e passou a se desenvolver durante a Era Moderna, enquanto outros gêneros, já constituídos e acabados, chegaram até ela como legado. O romance modifica-se e recria-se, influenciando os demais gêneros a fazer o mesmo. Além disso, ele se autoparodia, criando subgêneros (BAKHTIN, 1990, p. 400).

Os gêneros tornaram-se mais livres e soltos, com linguagem renovada devido ao plurilinguismo extraliterário. E é esse aspecto que pode ser considerado em *Diário do hospício*: definido como diário, mas renovando a ideia de diário ao criar um misto de crônica



com narrativa autobiográfica/ficcional, estabelecendo um diálogo entre esses dois gêneros. Assim, mais uma vez, o romance se renova, se recria, assimilando a forma de diário pessoal.

Mikhail Bakhtin diz que um dos problemas mais fundamentais no romance é “a denúncia de toda espécie de convencionalismo pernicioso, falso, nas relações humanas” (1990). Lima Barreto sempre denunciou a injustiça social ao longo de sua obra e em algumas passagens de *Diário do Hospício*, isso não poderia ser diferente. O trecho a seguir, por exemplo, denuncia como era a seção de indigentes no hospício, ou seja, a seção *Pinel*:

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até o Hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.

O mobiliário, o vestuários das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela *geena* social (BARRETO, 2010, p. 48).

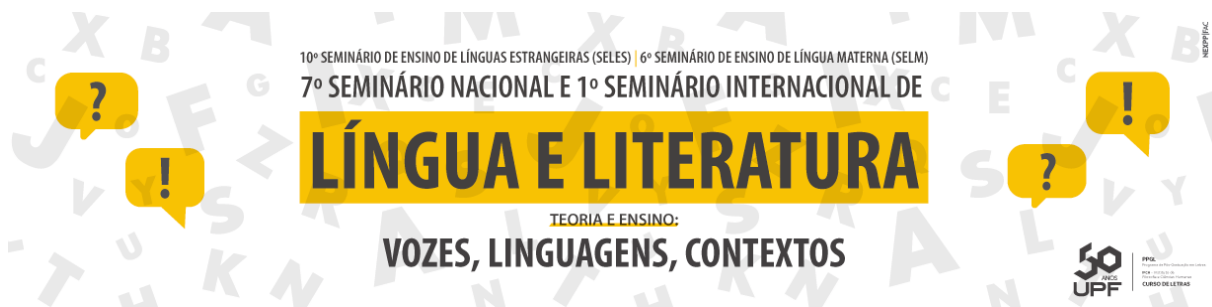
Outro exemplo é a passagem em que o autor critica padres que vê saindo do refeitório do hospício, sintetizando sua opinião sobre a Igreja da época:

Houve festa na capela e ao sair do café (à uma hora) cruzei-me com os padres. Que lorpas! E a Constituição! Padres como esses não fariam mal se não fossem eles a guarda avançada do Estado maior jesuítico que nos pretende oprimir, favorecendo os ricos e pavoneando os seus preconceitos (BARRETO, 2010, p. 121).

Para concluir, apresenta-se um exemplo em que é possível sentir a ironia nas palavras do autor ao reproduzir uma conversa de cunho racista que escutara:

O F.P. atirou fora os abacates que lhe deram porque os temperaram com açúcar de terceira. Ele é branco de primeira ordem e não negro, nem mulato, para usar tal açúcar (BARRETO, 2010, p. 134).

O autor observa o espaço ao seu redor e faz a denúncia das mazelas que vê. Mesmo dentro de um espaço mais restrito como aquele em que se encontrava, conseguia observar as



injustiças e se incomodar com elas, demonstrando um viés ideológico que flui melhor na estrutura de romance.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto escreveu *Diário do hospício* durante o período em que esteve internado no hospício da Praia Vermelha, devido ao seu problema com alcoolismo. O *Diário*, provavelmente, era um passatempo para as longas horas passadas no cárcere, alguém com quem conversar, função primordial de um diário íntimo. A medida em que o tempo foi passando, o autor começou a registrar fatos sobre a vida da personagem que estava criando para seu romance como se fossem vivências suas, fazendo com que o texto que aparece no diário começasse a mudar e, aos poucos, acabasse por se tornar o texto que seria usado para, mais tarde, escrever o romance *Cemitério dos vivos*.

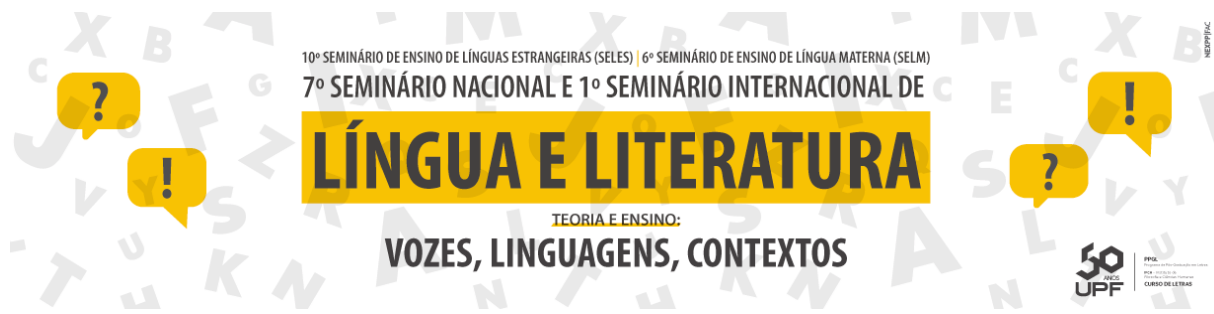
Elementos próprios do romance, como a relação entre autor-pessoa e autor-personagem, que foram analisadas comparando *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos*, e o cronotopo do hospício, que é uma constante na obra, se apresentam no *Diário*, corroborando a tese de que o registro pode ser considerado um romance, ao assumir esses elementos, mesmo que mascarados dentro da formação tipológica do diário.

O romance, como gênero, não dispõe de uma posição fixa, está em constante transformação. Ele se recria, se autoparodia e se modifica. No caso da obra aqui abordada, o romance se traveste em diário, assumindo características que são próprias do gênero. Aos poucos, ele transmuta sua forma e os conteúdos iniciais, de maneira que deixa de cumprir a função à qual se propunha primordialmente e assume outra função, com outras características, passando de diário íntimo a romance.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.



BARRETO, Lima. *Diário do hospício e Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. Cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

ROCHA, Fátima. Cemitério dos vivos, de Lima Barreto: entre o documento bibliográfico e a elaboração ficcional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. *Anais on-line...* São Paulo: Abralic, 2008. Disponível em:

<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/FATIMA_ROCHA.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

SANTIAGO, Silviano. Uma ferroada no peito do pé: dupla leitura de Triste fim de Policarpo Quaresma. In: _____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SILVA, Tiago Nascimento. O cemitério dos vivos e a distinção entre autor e personagem no campo estético. *Miguilim: revista eletrônica do netlli*, Urca, v. 2, n. 1, p.108-119, abr. 2013. Disponível em:

<<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/432>>. Acesso em: 2 maio 2017.